

PROMETEUS

FILOSOFIA EM REVISTA

VIVA VOX - DFL – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Ano 3 - no.5 Janeiro- Junho / 2010

ENTREVISTA COM DESIDÉRIO MURCHO

Chegamos ao quinto número da **Prometeus**. Como espaço para apresentação de pesquisas acadêmicas de todos os âmbitos da Filosofia, nossa revista sempre se apresentou como um veículo eclético. Neste número, além dos artigos, comunicações e demais trabalhos, oferecemos aos leitores uma entrevista que realizamos com um pesquisador que vem se destacando por suas críticas em relação ao modo como se efetua a pesquisa filosófica em língua portuguesa, Desidério Murcho, professor da UFOP e diretor da revista eletrônica **Crítica na Rede**.

PROMETEUS: Prof. Desidério Murcho, em seus textos o senhor salienta a diferença que há entre fazer filosofia verdadeiramente e meramente fazer história da filosofia, e que a maioria dos pesquisadores em filosofia se limita a fazer história da filosofia, deixando de lado a efetiva atividade filosófica. Que causa o senhor atribuiria a essa tendência, sobretudo entre nós brasileiros e portugueses?

DESIDÉRIO MURCHO: A história da filosofia, corretamente feita, é uma atividade importante em si mesma e também importante para a formação de filósofos. Contudo, não é possível fazer boa história da filosofia sem dominar a filosofia. A ideia de que a história da filosofia seria como que uma propedêutica da filosofia não tem em conta a dialética enriquecedora entre a filosofia e a história da filosofia: uma boa

formação filosófica enriquece a história da filosofia e uma boa formação em história da filosofia enriquece a filosofia.

Evidentemente, umas pessoas acabarão por se especializar em história da filosofia e outras em filosofia, mas ambas precisam de uma formação de base sólida nas duas coisas, se quiserem ser bons profissionais. Quando se pergunta por que razão não há quase filósofos de língua portuguesa, ao passo que há muitos exegetas ou historiadores da filosofia, cometem-se dois erros. Primeiro, se o critério que usamos para afirmar que quase não há filósofos em língua portuguesa é o fato de os filósofos de língua portuguesa não terem qualquer impacto na bibliografia acadêmica internacional, então pelo mesmíssimo critério também quase não há historiadores da filosofia em língua portuguesa. Segundo, a pergunta está posta ao contrário: o que é raro, em qualquer civilização humana, é haver filósofos, e não a sua ausência — pelo que temos é de perguntar por que razão em alguns países há uma produção filosófica exuberante.

Quanto ao primeiro aspecto, há filósofos de língua portuguesa — mas as suas ideias não são discutidas pelos colegas. Eu próprio não o faço. Penso que nenhum de nós discute as ideias dos colegas por pensar que há ideias mais interessantes para serem discutidas. Não sei se isto será inteiramente verdade, mas pelo menos é isso que nos faz não discutir as ideias dos nossos colegas, salvo raras exceções. E é de fato verdade que em muitos casos há amadorismo, desconhecimento das bibliografias elementares e isolacionismo. Mas seria estranho que isso ocorresse em todos os casos. O que nos leva ao segundo aspecto acima: o que acontece nos países onde há uma produção filosófica exuberante, que não acontece nos países de língua portuguesa? Acontece que se levam os colegas a sério e se discute o seu trabalho. E, se inicialmente o seu trabalho tem muitas deficiências, é o próprio processo de discussão que irá colmatar essas deficiências e tornar o trabalho mais sofisticado e interessante. É isto que não acontece nos nossos países.

Isso não acontece principalmente devido ao modo como a filosofia é ensinada nas universidades. Como não se ensina a discutir ideias, mas apenas a repeti-las, não se ensina a filosofar, mas apenas a apreciar as ideias dos filósofos mortos, não é de esperar que depois, por magia, uma pessoa com este tipo de formação passe a fazer filosofia competentemente. Um aluno a quem nunca foi ensinado a fazer uma

reconstrução teórica, a explicitar um dado argumento e a avaliá-lo, a confrontar teorias com as suas rivais e a procurar alternativas melhores, e nem sequer a compreender os problemas que estão em causa nos textos que lê — dificilmente um aluno destes, depois de anos de estudo exegético, aprende subitamente a fazer filosofia. Isso nunca vai acontecer.

Portanto, para se ter filósofos, é preciso ensinar a filosofar — e não ensinar apenas a compreender as ideias dos filósofos do passado — e é preciso discutir ideias entre nós.

PROMETEUS: Sabemos que, no Brasil, a filosofia passa a se diferenciar do estudo escolástico dos seminários católicos apenas no século XX. Assim, temos um atraso de séculos em relação ao Renascimento Europeu. Que consequências o senhor vê neste atraso quanto ao filosofar no Brasil?

DESIDÉRIO MURCHO: Nenhuma. As coisas poderiam ter sido assim no passado, mas o presente pode ser muito diferente — bastaria os professores de filosofia estarem dispostos a conhecer as bibliografias, a estudar e a ter interesse genuíno pela filosofia em si. Hoje, ao contrário do que acontecia há apenas 20 anos, é fácil saber o que se publica por esse mundo fora, e temos acesso às melhores revistas internacionais de filosofia (periódicos, como se diz no Brasil). Basta estudar honestamente essas bibliografias para o incremento da qualidade do que se produz se tornar visível. Mas quando se continua a usar as mesmas bibliografias que os nossos professores usavam há 30 anos, ignorando a maior parte da produção bibliográfica acadêmica internacional, com origem nas mais prestigiadas universidades, seria de espantar que o trabalho acadêmico tivesse alguma relevância. Seria como esperar relevância no trabalho de um biólogo do séc. XXI que nunca ouviu falar de Darwin.

PROMETEUS: No Brasil, muitos dos intelectuais ligados à pesquisa e ao ensino da filosofia tendem a não dar qualquer valor à produção filosófica em língua portuguesa. Será este um efeito do processo de colonização pelo qual tendemos sempre a valorizar o que vem de além-mar e desmerecer o que é propriamente nosso? Ou será que é a constatação de que, de fato, o que se produz

ou se produziu em termos de filosofia em língua portuguesa é realmente desprovido de valor?

DESIDÉRIO MURCHO: Só um sociólogo poderá responder cabalmente a essas perguntas. Mas é importante sublinhar que não é o processo de colonização o responsável por uma atitude de subserviência cultural. Essa atitude existe em Portugal e noutros países que nunca foram colonizados. E é uma atitude natural em países onde a formação fundamental das pessoas foi feita com base em bibliografias estrangeiras. Eu lembro-me de ter uma enorme resistência a ler a literatura portuguesa até muito tarde — quando descobri a maravilha que é o Eça de Queirós, aos 18 anos — precisamente por desconfiar que haveria de ser de má qualidade, provinciana e fundamentalmente inculta. Portanto, se toda a formação filosófica (ou científica ou outra) que uma pessoa tem se baseia fundamentalmente em bibliografias estrangeiras, é natural formar, sem pensar, a ideia de que a bibliografia na nossa língua é toda ela de má qualidade, provinciana e fundamentalmente inculta. É natural pensar isto, mas dá origem a um erro fundamental: o provincianismo. O provincianismo é uma manifestação de heteronomia intelectual: a pessoa é incapaz de avaliar os méritos de uma obra por si mesma, e avalia-os em termos da sua origem geográfica. A autonomia intelectual, a que todos devemos almejar, é o oposto do provincianismo, e permite ver a qualidade onde ela realmente está e também a falta dela — independentemente da sua origem geográfica ou linguística.

PROMETEUS: Atualmente o governo brasileiro age no sentido de aumentar o número de vagas nas instituições universitárias federais, visando abrir tais instituições cada vez mais para pessoas de todas as classes e etnias. Que consequências o senhor nesse processo pelo qual passam as universidades federais no Brasil?

DESIDÉRIO MURCHO: Todos queremos um ensino de qualidade, para todos. E todos sabemos que isto é difícil de se fazer, sem baixar os padrões de exigência. Mas se os padrões de exigência tudo o que conseguem é que se escreva com lodo ao pé da letra, repetindo lugares-comuns pretensiosos e elitistas, não são assim tão importantes.

O que penso ser importante é encontrar um equilíbrio entre as exigências de qualidade, por um lado, e a abertura do ensino universitário a uma parte cada vez maior da população brasileira, por outro. Um dos obstáculos que é preciso eliminar do caminho é o uso da cultura para oprimir socialmente — considerando socialmente inferior quem não sabe dizer "epistemologia" sem gaguejar ou quem nunca leu Aristóteles em grego, e usando a cultura para estabelecer demarcações sociais fantasiosas e tolas. O interesse pela história da cultura grega clássica, por exemplo, deve ser estimulado — mas quem tem interesse em vez disso em genética ou engenharia ou em mecânica automóvel ou em jornalismo deve encontrar também na universidade uma formação de exigência, dessas matérias. A humanidade é felizmente muitíssimo diversificada — pessoas diferentes têm diferentes talentos. Um ensino de qualidade deve permitir que esses talentos desabrochem, devolvendo assim cada cidadão à sociedade o resultado do seu talento — na forma de bons historiadores da cultura clássica, por exemplo, mas também na forma de bons engenheiros, médicos, políticos. Além disso, devemos respeitar as pessoas que não têm qualquer inclinação para os supostos papéis existenciais da cultura ou da filosofia — até porque, na verdade, algumas dessas pessoas são filósofos — que, em qualquer caso, constituem apenas formas disfarçadas de opressão social e manipulação psicológica.

PROMETEUS: Alguns alunos, após terem aulas com professores ligados à filosofia analítica, chegam à conclusão de que o estudo dos autores clássicos é inútil ou supérfluo. O senhor concorda com isso? Será realmente perda de tempo ler autores clássicos ou haverá um espaço importante reservado para o estudo da história da filosofia na formação humanística?

DESIDÉRIO MURCHO: Um aspecto curioso da filosofia analítica tal como é vista por muitos colegas brasileiros é o seu defasamento em relação à realidade atual. Para muitos colegas a filosofia analítica dos últimos cinquenta anos é como se não existisse. Desconhecem as bibliografias mais recentes, não leem os periódicos da área, e transformam a filosofia analítica na exegese de autores como Wittgenstein, Quine ou outros. Isto é um fenômeno curioso, dado que fazer exegese de filósofos analíticos mortos não é fazer filosofia analítica — é, na melhor das hipóteses, fazer história da

filosofia analítica — e, mais desastroso, não forma os estudantes adequadamente para que possam tornar-se filósofos de pleno direito, ao invés de comentadores. Por outro lado, o mesmo desconhecimento bibliográfico que faz os colegas pensar que a filosofia analítica é apenas o que se fazia há mais de cinquenta anos faz também pensar que a filosofia analítica tem qualquer coisa contra a história da filosofia. Isto é pura e simplesmente falso. Não só alguns dos filósofos analíticos contemporâneos são simultaneamente historiadores da filosofia, ou publicaram influentes trabalhos sobre história da filosofia, como a história da filosofia feita por pessoas de formação analítica é extremamente forte hoje em dia. Quem tem essa atitude de desprezo pela história da filosofia, em nome da filosofia analítica, desconhece pura e simplesmente a bibliografia — Anthony Kenny, E. J. Lowe, Kit Fine, Martha Nussbaum, Bernard Williams, Terence Irwin, Michael J. Loux, e tantos outros filósofos analíticos certamente não desprezam nem desconhecem a história da filosofia. Por outro lado, basta consultar as grades curriculares do King's College London ou de outros departamentos de filosofia analítica para se compreender que essa visão estranha da filosofia analítica é mera invenção.

PROMETEUS: Em artigo intitulado “Cultura e Prostituição” o senhor afirma que:

Encarar a filosofia, as artes e as atividades cognitivas em geral como instrumentos de opressão social e pessoal é um sinal da insaciável estupidez humana. O fato de este tipo de atividade ser comum em escolas, universidades, jornais e debates públicos só agrava a afronta. Era tempo de pensar outra vez se é realmente para isto que serve a cultura.

De fato há algo extremamente opressivo nos meios filosóficos, sempre repletos de tiranos e seus respectivos bajuladores. Isso sem mencionar a distância com a qual a própria filosofia é tratada por tais pessoas, vendo-a não como um fim em si mesmo, mas como mero meio para se atingir poder, influência, dinheiro. Como o senhor acha que deve se portar diante deste cenário o verdadeiro amante da sabedoria? Afinal para que serve a cultura?

DESIDÉRIO MURCHO: A cultura serve para muitas coisas — tem muitos usos instrumentais. Mas o mais importante é ter valor em si. Tem valor em si porque é

interessante compreender a civilização egípcia antiga, por exemplo, ou a estrutura do problema do livre-arbítrio, ou a natureza íntima da matéria, ou os elementos químicos fundamentais. Infelizmente, nada há nas atividades humanas — do automóvel aos sapatos, dos livros às televisões — que não seja apropriado para se tornar instrumento de opressão social, instrumento para exhibir imaginadas superioridades sociais. No caso da cultura isto é particularmente interessante, histórica e sociologicamente, porque a maior parte dos mais inovadores cientistas, artistas, romancistas, poetas e filósofos da humanidade não pertenciam às classes elevadas — demasiado ocupadas com frivolidades e a ganhar dinheiro com o trabalho dos outros. De modo que usar o que eles fizeram para rebaixar socialmente as pessoas é particularmente perverso.